



ELIANA FREIRE DO NASCIMENTO – Faculdade Estácio/Terezina-PI

## **AS CONFIGURAÇÕES IDENTITÁRIAS DOCENTES DO BACHAREL- PROFESSOR: CONTRIBUIÇÕES DA ABORDAGEM FENOMENOLÓGICA E DA ENTREVISTA NARRATIVA**

### ***THE BACHELORS-TEACHER TEACHING IDENTITY CONFIGURATIONS: CONTRIBUTIONS OF THE PHENOMENOLOGICAL APPROACH AND THE NARRATIVE INTERVIEW***

#### **RESUMO**

Este trabalho discute a construção identitária do bacharel professor de Direito que exerce a docência superior, o que exigiu a escolha de métodos e de técnicas que pudessem ter acesso às informações que ajudassem a entender o objeto de estudo. Partindo dessa percepção, este trabalho foi orientado pela concepção da abordagem fenomenológica que buscou compreender, de forma intencional, o mundo vivido em que os professores de Direito descrevem suas experiências de tornar-se professor ao longo da carreira docente. Esta pesquisa possibilitou entender o “ser docente” a partir da descrição do ato de ser e de viver nas múltiplas relações estabelecidas pelos indivíduos no decurso da vida profissional.

**Palavras-chave:** Bacharel-professor. Configurações identitárias. Abordagem fenomenológica. Narrativas.

#### **ABSTRACT**

This work discusses the identity construction of a bachelor of law professor who exercises higher teaching, which required the choice of methods and techniques that could have access to information that would help to understand the object of study. Based on this perception, this work was guided by the conception of the phenomenological approach that sought to understand, in an intentional way, the lived world in which law professors describe their experiences of becoming a teacher throughout the teaching career. This research made it possible to understand the "teaching being" from the description of the act of being and of living in the multiple relations established by the individuals during the professional life,

**Keywords:** Bachelor-teacher. Identity configurations. Phenomenological approach. Narratives.

## **Introdução**

No século XX, a fenomenologia consolidou-se como linha de pensamento a partir de Edmundo Husserl, que criou o método que busca a verdade nos dados



ELIANA FREIRE DO NASCIMENTO – Faculdade Estácio/Terezina-PI

originários da experiência, ou seja, o retorno “às coisas mesmas”, ao mundo vivido, à sua existência e à sua vivência. O objeto de estudo da fenomenologia são os fenômenos, ou seja, tudo aquilo que percebemos, coisas materiais e imateriais criadas pela cultura, pela ação e pelas práticas humanas em interação com a consciência.

Para entender esse retorno “às coisas mesmas”, buscamos conceber o fenômeno educativo e a construção identitária do bacharel-professor no curso de Direito, na perspectiva da abordagem fenomenológica. Segundo Bicudo (2011, p. 30):

[...] o fenômeno é o que se mostra no ato de intuição efetuado por um sujeito individualmente contextualizado, que olha em direção ao que se mostra de modo atento e que percebe isso que se mostra nas modalidades pelas quais se dá a ver [...].

Para Peixoto (2011, p. 149), a “[...] fenomenologia ocupa-se, portanto, com os atos da consciência e correlatos da consciência [...]”, possuindo categorias básicas que são “[...] a intencionalidade, a *epoché*, a redução eidética, atitude natural e fenomenológica e o *lebenswelt*”. Essas categorias, se relacionadas à educação, possibilitam o entendimento de que essa, comprometida com a pessoa, com a vida, com a existência humana, está vinculada ao mundo e à sociedade, num processo de humanização, possibilitando entender o vivido e pôr em prática as possibilidades dialógicas do fazer-se docente.

A educação é uma fração do modo de vida dos grupos sociais que a criam e a recriam em uma sociedade, entre tantas outras invenções da cultura. É uma experiência humana universal em que todos os homens e as mulheres se educam, ou seja, estamos todos implicados nesse processo em que redimensionamos a nossa percepção para o ato de educar e de educar-se.

De acordo com a fenomenologia husserliana, toda a consciência é produto de algo, é a “consciência de”, sendo o ponto de partida a vivência imediata dessa



ELIANA FREIRE DO NASCIMENTO – Faculdade Estácio/Terezina-PI

consciência. Peixoto (2011, p. 149) afirma que “[...] não existe pura consciência, como também não existe mundo sem consciência [...]”, mas uma atitude constituída por atos que objetivam algo de forma intencional.

A intencionalidade é um dirigir-se à consciência e ao mundo, sendo que tudo o que acontece na mente visa um objeto e nada acontece no vazio, sendo sempre objeto-para-um-sujeito. Para Peixoto (2011, p. 151), a consciência é intencional e significa sustentar que ela só pode ser analisada por meio dos sentidos, não sendo ela própria uma coisa, mas o que dá sentido às coisas, e com a “[...] intencionalidade, a fenomenologia pode apreender não o sentido da razão ou do objeto isoladamente, mas o sentido que aparece na intersecção de minhas vivências, da inteseção do eu com o mundo”.

A relação que fazemos com o objeto de estudo corresponde ao entendimento de que a intencionalidade da consciência está articulada ao processo de tornar-se professor, compreendendo as configurações identitárias dos bacharéis professores, cujas narrativas de vida são fontes de informações e de construção de dados. A consciência apresenta-se como vida, não sendo apenas o receptáculo neutro de sentidos pré-dados. Como sustenta Santos (2009, p. 85):

[...] a consciência é a vida mesma dos sentidos, e por isso ao fenomenológico cabe não somente circunscrever o sentido ideal (*eidós* ou essência) dos fenômenos, conforme o tentou a metafísica de então, mas também descrever os processos intencionais (percepção, imaginação, recordação, desejo, etc.) pelos quais os sentidos nascem e se configuram, como experiência, no campo da consciência.

Epistemologicamente, a abordagem fenomenológica coloca em discussão a objetividade científica defendida pelos positivistas, firmando o entendimento de que qualquer fenômeno só se concretiza a partir da relação entre pesquisador e objeto, ou seja, na relação do sujeito que conhece e do fenômeno a ser conhecido. O pesquisador, que é o sujeito cognoscente, parte do objeto cognoscível com o objetivo



ELIANA FREIRE DO NASCIMENTO – Faculdade Estácio/Terezina-PI

de interpretar as informações de várias maneiras possíveis para descobrir a essência do fenômeno.

As técnicas que melhor se harmonizam com a abordagem fenomenológica são aquelas que prestigiam a perspectiva qualitativa da pesquisa, tais como: entrevistas, depoimentos, estudos de caso e história de vida.

Conforme Martins e Bicudo (1989), é necessário, frente ao fenômeno investigado, que o pesquisador assuma uma atitude radical, colocando em evidência a *epoché* fenomenológica. Como uma ciência descritiva, a fenomenologia considera como objeto de estudo os fenômenos e as vivências de uma consciência intencional, ou seja, a consciência de si que se projeta para o mundo conforme atos intencionais, cujo papel do pesquisador é descrever as vivências dessa consciência e seus significados, aceitando o fato de que o seu objeto é a consciência que percebe algo.

Com base na abordagem fenomenológica, procuramos perceber a essência das coisas como vivências conscientes que, por sua vez, são reduzidas às percepções de cada um dos professores partícipes. Desse modo, procuramos mostrar os atos intencionais projetados pelos partícipes da pesquisa que veem diferentes aspectos do mundo, importando essencialmente como a consciência percebeu e percebe o objeto que nunca é um objeto em si, mas aquele que é percebido, pensado, rememorado pelo sujeito.

Segundo Peixoto (2011, p. 157), a base da abordagem fenomenológica é a interpretação-compreensão que pode auxiliar no conhecimento dos significados do fenômeno entre o sujeito e o objeto, entre o eu e o fenômeno estudado, partindo da percepção humana do “[...] imprevisto, do inacabamento, da criação, da subjetividade, da crítica, da busca de sentido”.

Sob esse ponto de vista fenomenológico, partimos da ideia de que a educação é intencionalidade aberta às dimensões do real, do mundo humano, do mundo do trabalho, do lazer, da arte, da ciência, da família, da religião, da política e da cultura. Assim, nesta pesquisa, foram analisadas as informações a partir de



ELIANA FREIRE DO NASCIMENTO – Faculdade Estácio/Terezina-PI

abordagem fenomenológica que visou resgatar o sentido dos fenômenos aparentes e desvelar em que estado se encontra o sujeito no seu contexto, onde exerce sua atividade docente, por meio da entrevista narrativa.

Este estudo possui caráter qualitativo que advém das percepções acerca das vivências e das experiências expressas por meio da linguagem utilizada pelos partícipes para descreverem a construção de suas configurações identitárias no decurso ngo da carreira. Como Bicudo (2011, p. 38, grifos da autora), pensamos que “[...] não se trata de pesquisador dizer *foi assim*, mas *conforme percebi, ocorreu de tal modo*”. Com isso, a descrição explicitada por meio da linguagem requer análise e interpretação, as quais foram efetuadas com o auxílio dos recursos hermenêuticos. Sobre isso, é importante que:

[...] toda análise de descrição, por esta ser mediada pela linguagem (qualquer modalidade pela qual ela seja expressa), solicita um enxerto hermenêutico, para que, no movimento de compreensão do dito, já se proceda à abertura aos sentidos e significados expressos e transportados pelo modo de dizer pelo qual a descrição se doa à interpretação. (BICUDO, 2011, p. 44).

Considerando que o nosso objeto de estudo, a abordagem fenomenológica, ajuda-nos a compreender, por meio da linguagem, os fenômenos que foram importantes para a construção das configurações identitárias docentes dos partícipes.

Gamboa (2007) orienta que os critérios de cientificidade partem da reflexão interpretativa do pesquisador sobre o objeto e seu contexto, não importando àquele somente o que estes expressam, ou seja, é necessário interpretá-lo, desvendando os seus sentidos e significados, suas mensagens ocultas. Nesse processo de compreensão, buscamos os fundamentos que evidenciaram aquilo que foi dito e aquilo que se faz entre a teoria e a prática do sujeito, procurando respaldo teórico para dar o suporte necessário à investigação, confrontando a empiria e a teoria.



ELIANA FREIRE DO NASCIMENTO – Faculdade Estácio/Terezina-PI

Com o olhar sobre o esquema paradigmático descrito por Gamboa (2007), no nível técnico, prestigiamos a técnica qualitativa da entrevista narrativa proposta por Schütze (2013, 2014), com a preocupação de conhecer e de descrever o fenômeno em si mesmo, percebendo como a realidade é construída socialmente, entendida e interpretada pelos partícipes da pesquisa.

Na concepção de causalidade, em que a relação entre os fenômenos e a essência, o todo e as partes, o objeto e o contexto, é levada em consideração a proposição de uma abordagem fenomenológica, partindo do pressuposto de que o fenômeno tem uma essência, que não se restringe ao fato em si, como causa e consequência, mas estende o olhar sobre o fenômeno no mundo. Assim, a intuição da essência distingue-se da percepção do fato.

Segundo Peixoto (2011, p. 51), “[...] o olhar do homem sobre o mundo é um ato pelo qual ele o experiencia, imaginando-o, percebendo-o, interpretando-o, compreendendo-o e transformando-o”. Dessa forma, considerando a escolha epistemológica para compreensão dos fenômenos, a preocupação aqui posta foi com o rigor, com a fidelidade ao real, sem preconceitos, apresentando-se também inexata em razão da natureza do objeto que é mundo humano, complexo, plural e inconcluso, não podendo ser tratado, por esse fato, como uma relação de causa e efeito.

No nível gnosiológico, a perspectiva fenomenológica considera a subjetividade na qual predomina a interpretação que o sujeito faz do objeto. Nesse sentido, conforme Santos (2009), a abordagem fenomenológica requereu postura radical do pesquisador frente ao seu objeto de estudo, diante da redução fenomenológica.

A redução fenomenológica é a descrição daquilo que é manifesto pelo sujeito, voltando-se ao fenômeno, descrevendo-o em sua essência, em sua estrutura. Essa redução ocupa-se da descrição das vivências e dos atos relacionados à consciência do objeto. Nesse sentido, consideramos estrutura como “[...] um



ELIANA FREIRE DO NASCIMENTO – Faculdade Estácio/Terezina-PI

conjunto de regras de transformação de (e entre) um grupo de elementos inter-relacionados.” (BAUMAN, 2012, p. 162).

Nesse sentido, a redução fenomenológica torna-se o retorno à consciência transcendental diante do mundo e se desobra em uma transparência absoluta, em que toda redução é, ao mesmo tempo, eidética e transcendental. Eidética pelo modo como o indivíduo percebe o mundo; e transcendental porque considera o sujeito na sua relação com os contextos nos quais está inserido. O percebido e o trabalhado pelos atos da consciência e o olhar sobre a experiência vivida pelo sujeito no âmbito das realidades intersubjetivas e objetivas que lhe fazem sentido são considerados na perspectiva da intersubjetividade, dentro dos contextos onde os sujeitos se inserem, sendo perceptível ao pesquisador aquilo que é narrado por meio da linguagem.

### **O método biográfico e suas possibilidades narrativas**

Foi nos escritos de Connelly e Clandinin (2011), Josso (2010), Kaufmann (2004), Souza (2006), Schütze (2010, 2014), dentre outros, que encontramos aporte para, por meio da pesquisa narrativa, entendermos os processos formativos docentes e configurativos da construção identitária dos partícipes desta pesquisa.

A pesquisa narrativa apresenta características da pesquisa qualitativa e dedutiva, contendo em si a busca pela compreensão detalhada das realidades, na perspectiva dos docentes partícipes. Nesse sentido, o pensamento não se apoia na lógica linear de causa e consequência, mas no constante construir da realidade e do conhecimento num movimento de ser e de conhecer ao longo do tempo em espaços diversos de interação social e humana.

O método biográfico, considerado, a partir de uma relação face a face, permite aos partícipes narrarem uma “práxis” cujos atos generalizados, sintética e singularmente, traduzem uma estrutura social interiorizada, filtrada e traduzida por meio de uma dimensão subjetiva de si no processo de construção identitária docente



ELIANA FREIRE DO NASCIMENTO – Faculdade Estácio/Terezina-PI

nos cursos de nível superior. A especificidade do método biográfico, neste estudo, considerou classificação realizada por Ferrarotti (2010, p. 43, grifo do autor), ao propor que:

Os materiais utilizados pelo método biográfico podem ser divididos em dois grandes grupos. De um lado, temos os materiais biográficos primários, isto é, as narrativas autobiográficas recolhidas diretamente por um investigador no quadro de uma interação primária (*face a face*). Do outro, temos os materiais biográficos secundários, ou seja, os documentos biográficos de toda a espécie que não foram utilizados por um investigador no quadro de uma relação primária com as suas personagens: correspondência, fotografias, narrativas e testemunhos escritos, documentos oficiais, processos verbais, recortes de jornal, etc.

Partindo da concepção do método biográfico, consideramos que as implicações da construção subjetiva de um sistema de relações apontam para uma teoria não formal, mas histórica e concreta de uma ação social, cujas narrativas percorrem caminhos de uma hermenêutica que reconstrói os percursos vividos, integralizando os sonhos, os comportamentos, as alegrias, as decepções, os modos de ser, de apreender e de sentir de uma vida individual em contextos sociais no mundo da docência.

A pesquisa narrativa tem como principal objeto a experiência, que é pessoal e social, permitindo entender a vida das pessoas em suas interações, em seus contextos sociais no campo da Educação. Como um contínuo na vida dos indivíduos, a experiência se desenvolve de modo a considerar o passado, o presente e o futuro, e tudo isso se resume em histórias que são contadas de forma “retrospectiva” e “prospectiva” (CONNELLY; CLANDININ, 2011).

Ao contar histórias, as pessoas situam-se no tempo e no espaço e relatam sobre seus momentos vividos, reconduzindo-os à desestruturação-reestruturação sintética de um ato ou de uma história individual com o corte horizontal ou vertical de um sistema social. Assim, ao ouvirmos as histórias dos partícipes, partimos do



ELIANA FREIRE DO NASCIMENTO – Faculdade Estácio/Terezina-PI

pressuposto da provisoriedade do relato, naquele momento, como passageiro e provisório.

As narrativas realizadas pelos partícipes consideraram as suas subjetividades. O tempo escolhido e definido para contar as suas histórias em seus contextos, nos quais interagiram e lhes deixaram marcas identitárias, foi constituído a partir de um evento de suas vidas. Nesse sentido, entendemos como Prygogine (1988, p. 59), quando afirma que o tempo “[...] é um hábito, uma convenção, aquela que nos leva a contar o tempo a partir de um evento”. Cada partícipe iniciou sua narrativa com base em um evento específico, e talvez, para ele, significativo.

Para Ferraroti (2010, p. 46), “[...] a narrativa biográfica não é um relatório de ‘acontecimentos’, mas uma ação social pela qual um indivíduo retotaliza sinteticamente a sua vida (biográfica) e a interação social em curso (entrevista) por meio da narração-interação [...]”. Concordamos com essa afirmação, especialmente porque, diante dos mesmos contextos sociais, os processos interacionais, com sistemas de papéis, expectativas, com tensões, conflitos e hierarquias, não são contados a um gravador, mas a um interlocutor, que, embora não se manifestando, está presente, sendo afetado pela narração daquele.

Concordamos com Connelly e Clandinin (2011, p. 47), quando dizem que cabe ao pesquisador acreditar na vida e ouvir o “[...] ensinar, além das histórias que nós e aqueles que ensinam contam [...]”, numa perspectiva multidimensional, considerando o tempo, lugares, as pessoas e o contexto social. Talvez não devamos somente ouvir histórias, mas também viver e fazer a pesquisa lidando com o distanciamento e a proximidade.

Ainda com Connelly e Clandinin (2011, p. 120), podemos dizer que a “[...] experiência da narrativa do pesquisador é sempre dual, é sempre o pesquisador vivenciando a experiência e também sendo parte [...]”. A escolha pela narrativa, portanto, apresenta-se como possibilidade de ouvir as histórias dos partícipes relativas às experiências que contribuíram para construção das suas identidades



ELIANA FREIRE DO NASCIMENTO – Faculdade Estácio/Terezina-PI

docentes. Essas identidades, forjadas durante a vida, situadas em momentos históricos de tempo e de espaço, são consideradas e entendidas a partir do que é narrado pelos seus protagonistas.

Segundo Schütze (2014), ao utilizar a narrativa, deve-se estar atento à estrutura temporal e sequencial da história de vida do narrador. A história de vida é, portanto, a “[...] sedimentação de estruturas processuais maiores ou menores que estão ordenadas sequencialmente, [...] estão ordenadas sequencialmente entre si.” (2013, p. 211). As mudanças e estruturas processuais no curso da vida podem alterar também a interpretação que o sujeito faz da sua história de vida.

Embora a experiência humana não seja o objeto de estudo desta pesquisa, é uma categoria importante, porque as narrativas são das experiências que não podem ser desconsideradas. Afinal de contas, a experiência educacional é narrativa e uma narrativa temporal, seja individual ou coletivamente, em que as vidas se entrecruzam em contextos passageiros.

Larrosa (2015, p. 18) afirma que a “[...] experiência, ou melhor ainda, o par experiência/sentido, permite pensar a educação a partir de outro ponto de vista, de outra maneira”. Com base nisso, consideramos a experiência como algo narrado por alguém, de forma subjetiva, contextual, sensível da própria vida. Cada experiência, única, singular não se impõe a outrem, devendo ser considerada em si mesma, em que o sujeito habita o mundo de forma finita num determinado tempo e espaço.

Para Josso (2002, p. 35), experiência de formação incide nas transformações da subjetividade e das identidades por ser mais ou menos significativa: “[...] experiência formadora implica uma articulação consciente elaborada entre atividade, sensibilidade, afectividade e ideação, articulação que se objetiva numa representação e numa competência”.

Os processos formativos de conhecimento e de aprendizagem incidem na transformação das experiências vividas que possibilitam contar a si e aos outros o



ELIANA FREIRE DO NASCIMENTO – Faculdade Estácio/Terezina-PI

valor do vivido, contextualizado no tempo e no espaço, de forma mais ou menos intensa frente às situações interacionais com o meio e com os outros.

Neste sentido, analisar as articulações experienciais que os indivíduos mobilizam ao narrarem, segundo Connelly e Clandinin (2011, p. 122), podem ser “[...] as dimensões temporais, as dimensões sócio-pessoais e em um lugar”.

Para Bicudo (2011, p. 100), o pesquisador dever ter um “[...] olhar atento para as coisas do mundo, na busca do sentido daquilo que a ele se manifesta, recusando determinações e pressupostos teóricos explicativos”. O que se produziu e os modos pelos quais reconhecemos as linguagens, em busca da qualidade das informações, a partir da escolha do objeto observado, do fenômeno percebido, aproximaram-nos do universo dos significados e das relações estabelecidas pelos partícipes da pesquisa, que não são aferíveis por dados estatísticos, mas pela captação das expressões cujos significados se configuram e iluminam, conforme os contextos em que foram narrados.

Para Chené (2010), a comunicação exerce papel fundamental quando falamos de narrativa, pois é por meio da palavra que compreendemos os processos formativos dos indivíduos. Não podemos afirmar a existência das verdades lógicas dos modos de ser e de se comunicar dos partícipes, tendo em vista que as interpretações realizadas nos contextos da investigação trazem consigo a complexidade da interrogação em constante movimento, em busca do esclarecimento acerca do fenômeno estudado.

A compreensão de realidade perpassa pelo olhar do pesquisador que, para Maturana e Varela(2014), deve ter uma “conduta adequada” para explicar cientificamente determinado fenômeno. Para esse autor, a explicação científica é atravessada pela descrição de vários fenômenos que se relacionam e que cada um deles é uma unidade composta organizada por várias outras unidades que também se relacionam dentro de uma estrutura que varia constantemente.



ELIANA FREIRE DO NASCIMENTO – Faculdade Estácio/Terezina-PI

A perspectiva proposta por Maturana e Varela (2014, p. 71) indaga como “[...] uma pessoa tem a conduta que tem onde nós a encontramos? Por que estou me comportando da maneira como estou me comportando?”. Entender essas perguntas requer a compreensão do que acontece no e ao indivíduo – ouvir a sua história.

A dinâmica autopoietica dos indivíduos resulta das interações que acontecem dentro das estruturas, assim como as circunstâncias particulares também alteram essas estruturas e, nessa dinâmica, as interações proporcionam mudanças que podem ser resultados da coincidência de fatores que selecionam as transformações que podem ocorrer.

Para Maturana e Varela (2014, p. 72) “Dois organismos idealmente iguais no estado inicial, mas em meios diferentes atravessarão sequências diferentes de interações. Então, terão diferentes histórias pessoais, histórias individuais e histórias de mudanças estruturais.” Quando estes autores destacam o contexto dos “dois organismos idealmente iguais”, a interpretação que fizemos analogicamente foi no sentido de que os mesmos participando do mesmo fenômeno social a percepção será diferenciada dependendo da história de cada indivíduo. Ou seja, o ser humano em interação e desenvolvimento tanto se relaciona com o ambiente natural particular, como também numa ordem cultural e social específica. É o que apreendemos de Berger e Luckman (1976, p. 71) quando afirmam:

[...] o organismo humano, por conseguinte, está ainda desenvolvendo-se biologicamente quando se acha em relação com seu ambiente. Em outras palavras, o processo de tornar-se homem efetua-se na correlação com o ambiente.

Assim, considerando que a entrevista narrativa é a expressão da versão da história de alguém, Kaufmann (2004, p. 132) destaca que “[...] cada um narra-se a história da sua vida, que dá sentido ao que ele vive [...]”, ou seja, o que narramos constitui a objetividade do que vivemos e do que damos sentido.



ELIANA FREIRE DO NASCIMENTO – Faculdade Estácio/Terezina-PI

Nesse aspecto, o que está em evidência é como nos construímos ao longo da vida e como nos formamos de forma consciente, encarando os itinerários, os investimentos, os objetivos, as orientações possíveis, articuladas às experiências formadoras, às nossas pertencas, aos valores, aos desejos diante das oportunidades criadas, exploradas, que nos conduziram e conduzem ao “eu” que aprende a identificar e a combinar com o projeto de vida aquilo que somos, pensamos, fazemos e valorizamos na nossa relação com o outro, com o meio e com nós mesmos.

O enfoque narrativo permitiu assimilar o percurso formativo dos professores de Direito, trazendo a oportunidade de ouvir as experiências, de observar as atitudes, de compreender os pensamentos e as reflexões realizadas pelos partícipes. Logicamente, faz parte da pesquisa encontrar respostas aos questionamentos traçados, mas também inclui questionar a realidade, articulando teoria e empiria em benefício do avanço das pesquisas em Educação, em especial, da formação do bacharel professor e o seu processo de construção das configurações identitárias docentes.

### As entrevistas narrativas

A escolha pela entrevista narrativa para a produção das informações tem como fundamento os estudos de Fritz Schütze, sociólogo alemão que desenvolveu um método pautado na narrativa, na década de 1970, com base nos estudos da fenomenologia, do interacionismo simbólico, da etnometodologia, e apresentou, como elemento revelador, as estruturas de processos pessoais e sociais de ações e os possíveis mecanismos de enfrentamento e mudança (GERMANO, 2016).

Segundo Schütze (2011), a entrevista narrativa é um tipo de entrevista não estruturada, de profundidade, que possui características específicas, cuja técnica consiste em orientar o entrevistador quanto ao mínimo de interferência, permitindo ao entrevistado narrar espontaneamente, com sua linguagem própria, os acontecimentos provocados por meio da questão geradora. A entrevista narrativa



ELIANA FREIRE DO NASCIMENTO – Faculdade Estácio/Terezina-PI

com cada um dos professores participantes, devidamente registrada por meio de um gravador, seguiu um roteiro previamente elaborado, produzido a partir do objeto de estudo.

Na visão de Schütz (2013, p. 213), a entrevista narrativa “[...] produz dados textuais que reproduzem de forma completa o entrelaçamento dos acontecimentos e a sedimentação da experiência da história de vida do portador da biografia [...]”. Ele parte do pressuposto de que a identidade das pessoas e suas narrativas de experiências históricas de vida possuem uma forte relação que expressam tanto os eventos externos como as mudanças internas num processo contínuo de construção e de reconstrução de si.

A entrevista narrativa é relevante nas pesquisas de cunho qualitativo por contribuir para a compreensão das estruturas processuais da trajetória de vida dos professores participantes. Ao rememorar e narrar suas experiências vividas, eles nos permitiram acessar as suas perspectivas particulares. A memória, como possibilidade, não se restringe ao fato vivido, constitui uma interpretação que permite novos significados para o momento da vida atual.

De um modo singular, as entrevistas narrativas realizadas com os partícipes da pesquisa causaram emoções de vários matizes. Em cada história narrada, os relatos despertaram o olhar para vários contextos até então despercebidos, ou mesmos esquecidos, e outros esclarecidos por coincidirem com situações vividas por nós na condição de estudante na época dos acontecimentos descritos pelos professores. Segundo Bertaux (2010, p. 85), ao realizar a entrevista narrativa, o pesquisador deve estar ciente de que situações inesperadas podem acontecer. É o que ele chama de “administrar o inesperado”, ou seja:

[...] esse tipo de entrevista é emocionalmente uma provação: algumas vezes você sairá literalmente ‘esvaziado’. É necessário que a realidade afete não só seu intelecto, mas seus nervos, sua sensibilidade para que ela possa abalar [...] o que traz no inconsciente.



ELIANA FREIRE DO NASCIMENTO – Faculdade Estácio/Terezina-PI

Nesse sentido, por ser potencialmente desencadeadora de emoções, as entrevistas narrativas podem provocar situações inesperadas. No caso desta pesquisa, um dos partícipes emocionou-se fortemente ao visualizar fotografias que demarcaram um momento importante de sua vida profissional docente. Desse modo, ao narrar, os professores articulam, a partir de suas memórias, os fenômenos sociais e subjetivos vividos.

Segundo Bertaux (2010, p. 102), a reconstrução dos percursos biográficos e sua inscrição no tempo histórico são possíveis em razão da consciência das experiências vividas nos processos de mudança social. Para o autor, a compreensão da narrativa se inscreve num tempo histórico coletivo,

[...] não se pode [...] [podendo] compreender uma narrativa de vida se não a inscrevermos no tempo histórico coletivo, tampouco se pode compreender os fenômenos de mudança social se não forem consideradas as transformações dos modelos culturais, das mentalidades e condutas “privadas” que, pelo seu simples número e sua agregação, participaram da formação desses fenômenos.

Contudo, ao organizar os acontecimentos que contribuíram para o percurso formativo, podem aparecer as “zonas brancas” (BERTAUX, 2010), que são silenciamentos acerca de alguns acontecimentos, especialmente se considerarmos que cada indivíduo percebe o mundo ao seu modo e o sentido que ele dá a determinados fatos pode não ter impactado no seu constituir-se professor.

A narrativa tem na memória o elemento essencial, pois nos mostra a maneira pela qual nos implicamos com o vivido no cotidiano pessoal e profissional, possibilitando eleger aprendizagens que foram significativas no trabalho de formação docente. Esse entendimento é ratificado por Maturana e Varela (2014, p. 85), quando asseveram que “[...] é o organismo<sup>1</sup> que determina qual a configuração estrutural do meio que determina nele próprio uma mudança estrutural”. Dessa forma, a mudança estrutural é sentida pelo professor que a internaliza naquilo que

---

<sup>1</sup>Ao falar de organismo, Humberto Maturana também se refere aos seres humanos que são organismos vivos inseridos no meio.



ELIANA FREIRE DO NASCIMENTO – Faculdade Estácio/Terezina-PI

ela faz sentido, a partir de suas próprias percepções de mundo e de formação profissional.

Como Schütze (2010, p. 211), entendemos que a biografia dos professores é importante quando investigada, considerando “[...] a estrutura temporal e sequencial da história de vida do portador da biografia [...]”. A trajetória de vida possibilitou a descrição das suas experiências docentes, seus processos formativos, seus modos de ser e de fazer a sua prática docente, considerando as suas opiniões, crenças, experiências, expectativas, os seus comportamentos, bem como as exigências sociais colocadas no cotidiano do ensino superior.

Conhecer as subjetividades existentes no modo de ser e de pensar dos partícipes da pesquisa sobre suas trajetórias de formação é uma forma de aprofundar e de compreender os processos constitutivos da identidade docente. Nesse sentido, a entrevista narrativa produziu a mediação entre o individual e o coletivo, marcado pela subjetividade das informações e pela objetividade da técnica por meio da qual podemos ter acesso às informações necessárias à compreensão do objeto de estudo.

As informações construídas e relatadas, considerando as interações objetivas da realidade, permitiu-nos entender, a partir da técnica desenvolvida por Schütze (2014), o percurso formativo e constitutivo das configurações identitárias docentes dos professores partícipes da pesquisa.

Segundo Schütze (2014, p. 211), “[...] a mudança da estrutura processual dominante no decorrer do ciclo de vida, altera-se também a respectiva interpretação da história de vida como um todo por parte do portador da biografia [...]”. Dessa forma, as estruturas sociais na vida dos seres humanos, baseadas nas narrativas dos partícipes da pesquisa acerca dos eventos passados com a perspectiva atual, possibilitaram entender o significado dado pelos indivíduos às experiências que foram importantes para a configuração das suas identidades profissionais docentes



ELIANA FREIRE DO NASCIMENTO – Faculdade Estácio/Terezina-PI

em sua trajetória na instituição lócus da pesquisa, bem como as suas mudanças ao longo de mais de 20 anos de fundação.

Ao referir-se à narrativa, Kaufmann (2004, p. 131) chama à reflexão para o fato de que “A história de vida não seria, evidentemente, nada sem os factos vividos por eles próprios, ela resulta duma trajetória objectiva”. Essa citação nos faz entender que as histórias contadas pelo narrador se situam no tempo e dentro de contextos que afetam direta ou indiretamente o modo de ser e de estar no mundo de tal forma que cada um que narra dá o sentido que lhe afeta mais ou menos na experiência vivida.

Segundo Prygogine (1988), a dualidade entre sistema e indivíduo e o papel das microestruturas, das decisões individuais, há muito tempo são estudados pela Sociologia. A articulação desses elementos é importante, também, para a compreensão, por meio das narrativas, das imagens do mundo na singularidade de cada um dos participantes da pesquisa, no intuito de entender a totalidade, que não se pretende absoluta, mas recortada no tempo e no espaço de uma pesquisa de cunho sociológico.

Em sendo a práxis humana o resultado sintético da sua história individual e social, as informações expressas nas entrevistas narrativas possibilitam o acesso, de forma concreta, singular e objetiva às experiências vividas pelo professor dentro do seu contexto social, oportunizando-nos depreender os comportamentos que os professores mobilizaram para o seu desenvolvimento profissional docente, e adotando posturas que melhor se aproximam do seu ser em “si mesmo”.

A biografia é, ao mesmo tempo, histórica e reflexiva e, como tal, deve ser um composto sob a forma de um relato histórico, analítico e crítico. Os relatos são a expressão do que faz sentido ao indivíduo, e a lembrança dos fatos vividos na prática docente constitui a objetividade da trajetória profissional e acadêmica do seu protagonista. Com os relatos, pudemos ter informações sobre o itinerário dos



ELIANA FREIRE DO NASCIMENTO – Faculdade Estácio/Terezina-PI

interlocutores da pesquisa e suas histórias de formação e interações ao longo da carreira docente.

As histórias de interações dos professores com o meio e com o outro sem perder a sua própria organização, mas adaptando-se e se auto-organizando é a ontogenia dos indivíduos em seu meio. Segundo Maturana e Varela (2014), a ontogenia de um indivíduo é uma derivação das modificações estruturais. Nesse sentido, as mudanças no ambiente pelas quais passaram os professores, resultaram em novas histórias, em que o professor se conservou, adaptou-se e recriou-se.

Nesse sentido, é pertinente a fala da Partícipe A1, quando diz: “[...] eu penso que tudo o que aconteceu comigo, tanto como pessoa, como professora, deu resultado no que sou hoje”. Quando Maturana e Varela (2014) referem-se ao “aqui”, faz alusão ao tempo presente. É nesse tempo atual que reconhecemos como resultado aquilo que experienciamos no pessoal e no profissional. Nesse aspecto, a Partícipe A1 se reporta ao tempo presente das suas práticas docentes no ambiente institucional atual.

Para Maturana e Varela (2014, p. 73), “[...] a história de vida de todo organismo é uma história de mudanças estruturais coerente com a história de mudanças estruturais do meio em que ele existe, realizadas através de contínua e mútua seleção das respectivas mudanças estruturais [...]”. Nesse sentido, recorreremos à fala da Partícipe A1:

E a parte da coordenação me ajudou, porque eu fui obrigada a ler sobre o MEC, e, aí, como eu não entendia algumas coisas, eu fui para a educação. Li Pestalozzi, Comenius. Fui ler outras coisas que, no curso de Direito, você não lê em hipótese nenhum, mas que me abriu a perspectiva para outras coisas, não graças a ser professora, mas pela obrigatoriedade de conhecer o MEC, a legislação do MEC, que fez toda diferença. (Partícipe A1, 2016).

Esse recorte narrativo permite considerar que as estruturas do meio institucional no qual, àquela época, inseriu-se a Partícipe A1, impôs a ela um novo modo de exercer atividades inerentes ao ensino superior, em consonância com o que



ELIANA FREIRE DO NASCIMENTO – Faculdade Estácio/Terezina-PI

Veiga (2010) considera como multitarefas das atividades docentes. Dessa forma, quando afirmamos que a identidade profissional docente do professor no ensino superior é construída nos processos do ambiente da prática docente, estamos também considerando que as mudanças estruturais do meio afetam os indivíduos que selecionam e admitem as interações com as quais querem se adaptar, pois a coerência estrutural do sistema não é determinante, mas desencadeia mudanças adaptativas e autocriativas nos indivíduos.

Para esta pesquisa, foram escolhidos e convidados os três professores que permanecem na instituição *lócus* da pesquisa desde a sua fundação. A memória coletiva foi assentada naquilo que se apresentou comum ao grupo e, embora cada integrante do grupo produza suas memórias de forma individual, podemos afirmar que essa relação com o *lócus* da pesquisa nos permite conceber as configurações identitárias desses partícipes, pois, pelo tempo de permanência deles na IES, talvez tenha havido a adaptação à estrutura da instituição e esta tenha contribuído, também, para a construção identitária docente que eles têm hoje.

Sobre a adaptação a qual nos referimos, encontramos em Maturana e Varela (2014, p. 76) o conceito “acoplamento estrutural”, que, segundo ele, é a conservação adaptativa, ou seja, é um conjunto de modificações que o ambiente provoca na estrutura do indivíduo e este também modifica o meio, em relações cíclicas. Relacionando as compreensões desse autor ao nosso objeto de estudo, percebemos que os indivíduos respondem ao ambiente e provocam mudanças nesse mesmo ambiente que o influenciou, construindo novas configurações identitárias. Assim, as interpretações de como os partícipes percebem as mudanças do meio possibilitam o estabelecimento de diálogos, de transações recorrentes para permanecer acoplado a esse ambiente, criando novas formas de ser professor.

É por intermédio desse acoplamento que os sistemas vivos interagem, desencadeando mudanças no meio. E à medida que interagem com o meio, sofrendo mudanças, ao longo do tempo, encontram um caminho individual, construindo suas



ELIANA FREIRE DO NASCIMENTO – Faculdade Estácio/Terezina-PI

maneiras diferentes de organização pessoal e profissional. Sobre a proposta de Maturana e Varela (2014), em relação ao acoplamento estrutural, entendemos que essas interações vividas pelos professores no ambiente institucional fizeram com que as mudanças internas acontecessem num processo contínuo de autoformação, de auto-organização.

Todos os sistemas vivos possuem a capacidade de auto-organização, autoprodução e transcendência, que os permitem permanecer interagindo com o meio em constante troca de informações, adaptativas e criativas de si no ambiente onde interagem com outros indivíduos.

Segundo Capra (1982), a autonomia dos sistemas vivos não é isolada do meio, tendo em vista que interagem num movimento de auto-organização, mantendo-se vivos e renovando-se, numa contínua autocriação capaz de formar novos padrões de comportamento. A coerência na história das interações dos indivíduos e as mudanças institucionais podem resultar numa seleção de alterações particulares em cada um desses indivíduos. Esse processo de adaptação tem um valor decisivo que é conferido à regulação institucional frente à noção de ordem que regula o ambiente e padroniza essas relações.

O arcabouço de referências relacionais usadas por determinados membros de determinada comunidade é a estrutura social dessa comunidade como um todo. Nesse contexto, a entrevista narrativa possibilitou o acesso a informações de padrões antigos e novos, diante das mudanças culturais ocorridas ao longo dos anos no ambiente educacional formativo dos professores interlocutores desta pesquisa. O que nos leva a concordar com Bauman (2012, p. 198):

[...] O desenvolvimento de qualquer cultura consiste tanto na invenção de novos itens quanto no esquecimento seletivo dos antigos: daqueles que, no curso do tempo, perderam seus significados e, não tendo encontrado nova função semiótica, arrastam-se como relíquias do passado, explicáveis, mas destituídas de sentido.



ELIANA FREIRE DO NASCIMENTO – Faculdade Estácio/Terezina-PI

Reforçando esse raciocínio, Kaufmann (2004, p. 71) afirma que “[...] a identidade que vem de fora [...] e aquela que nós próprios procuramos estabelecer de dentro, entre a identidade de ontem socialmente acessória e aquela socialmente motriz de hoje produz-se uma revolução”. Esse processo se manifesta com a necessidade da autoformação em que, pelos processos criativos, no âmbito da gestão educacional, em meio à dinamicidade e à funcionalidade do sistema, o comportamento social dos que fazem parte do ambiente apresenta-se como um misto de dependência-autonomia.

Segundo Santos (2009), esse binário dependência-autonomia demonstra que o ser humano, ao identificar-se, constrói uma base no reconhecimento de alguma origem comum, ou de características compartilhadas com outra pessoa ou grupo ou com um ideal e com estreitamento natural da solidariedade e da fidelidade estabelecida dentro do ambiente onde as relações se estabelecem; e exerce a sua autonomia renovando-se de forma criativa e introduzindo comportamentos novos.

[...] ser humano é dependente do sistema onde vive, porém, ao exercer a sua autonomia como sujeito criativo que está em permanente renovação, introduz comportamentos ambíguos e, muitas vezes, contraditórios em relação às regras estabelecidas pelo sistema. (SANTOS, 2009, p. 30).

Fazendo um recorte da narrativa da Partícipe A1, diante do que ensina Santos (2009), compreendemos que a docência exige constante renovação. É o que se percebe na fala dessa partícipe:

A mudança me afeta, porque eu tenho que me adaptar a regras novas. O padrão institucional que é dessa forma. Não que ele seja errado, ele é diferente, e você tem que se adequar aquele padrão para cumprir com as suas metas, não somente da instituição, mas as suas próprias metas quanto ao compromisso, ao conteúdo. (Partícipe A1, 2016).



ELIANA FREIRE DO NASCIMENTO – Faculdade Estácio/Terezina-PI

A visão de mundo dos indivíduos na coletividade produz o concreto singular de cada um, frente aos desafios da prática docente. Como assevera Ferraroti (2010, p. 52), o indivíduo “[...] totaliza-se pela mediação do seu contexto social imediato, pelos grupos restritos de que faz parte, pois esses grupos são por sua vez agentes sociais ativos que totalizam o seu contexto”. Desse modo, cada um percebe o seu contexto a partir de suas perspectivas pessoais.

Rememorar sobre a experiência da formação é proporcionar ao narrador, por meio do ato de lembrar e narrar, “[...] reconstruir experiências, refletir sobre dispositivos formativos e criar espaço para uma compreensão da sua própria prática.” (SOUZA, 2006, p. 159). A reconstrução dessa narrativa caminha junto à memória, que pode ser compartilhada com o grupo, com o outro, considerando as experiências vividas, e no caso deste estudo, na mesma instituição de ensino desde a sua fundação até os dias atuais.

Narrar a formação e a experiência permitiu, também, que a memória individual se relacionasse com a memória coletiva, à medida que essa memória individual e singular se constitui pela apropriação e mediação do coletivo articulado dentro de um sistema vivo de interações que envolvem o outro, o meio e a relação consigo mesmo.

O sistema é um acontecimento antientrópico. A entropia é, sempre, a direção mais provável dos acontecimentos. Todo sistema está mergulhado num "ambiente" (ou "entorno"), que é todo o resto, com o qual interage, procura adaptar-se, recriar-se. Não há como entender a dinâmica de um sistema sem perder de vista essa interação. Segundo Prigogine (1996, p. 397), “[...] o mundo que vemos fora de nós e o mundo que vemos dentro de nós estão convergindo”. A adaptação ao ambiente provoca mudança nos indivíduos e, para isso, é preciso estar preparado para defesa contra as intempéries da vida e, assim, ir ao encontro do que deseja para si. Essa preparação é individual e coletiva.



ELIANA FREIRE DO NASCIMENTO – Faculdade Estácio/Terezina-PI

Segundo Morin (1974, p. 58), “[...] é preciso estar preparado, individual e coletivamente, para a defesa e, quando é necessário caçar, para o ataque”. Esse entendimento do autor nos leva a refletir que a autoformação é um dos caminhos para o enfrentamento dos desafios que a prática docente no ensino superior proporciona.

Essa “caça para o ataque” nos leva a pensar no que propôs Bauman (2012, p. 30), quando assegura que “[...] a caça é uma atividade de tempo integral no palco da modernidade líquida. Ela consome uma quantidade incomum de atenção e energia, deixando pouco tempo para outra coisa”. Considerando o processo formativo do bacharel professor no ambiente da prática na docência, impõe-se a este a busca constante para realizar o que é esperado de forma equilibrada.

## **Considerações finais**

Conclui-se, portanto que a relação que fazemos com o objeto de estudo corresponde ao entendimento de que a intencionalidade da consciência está articulada ao processo de tornar-se professor, compreendendo as configurações identitárias dos bacharéis professores, cujas narrativas de vida são fontes de informações e de construção de dados. A consciência apresenta-se como vida, não sendo apenas o receptáculo neutro de sentidos pré-dados.

Neste estudo, a sensibilidade para, coerentemente, mudar dentro de um contexto, até que se consiga o equilíbrio entre o que se é e o que se quer ser, é um aspecto importante para a construção identitária docente, num movimento autopoietico para manutenção do próprio equilíbrio interno. Esse movimento é uma troca sistêmica em que o sujeito interage no ambiente numa autoprodução de relações intersubjetivas que se constituem nas aprendizagens.

Como técnica de pesquisa qualitativa, a entrevista narrativa apresentou-se como um modo criativo de obter informações, tendo em vista que ela propõe



ELIANA FREIRE DO NASCIMENTO – Faculdade Estácio/Terezina-PI

articulações entre os modelos tradicionais de entrevista. A conversa entre pesquisadora e participantes da pesquisa ocupa papéis diferentes, não implicou necessariamente que as conversas fossem formais, mas que aconteceram em momentos variados e de forma fluida com cada um dos integrantes da pesquisa, embora a entrevista narrativa tenha acontecido em um momento com data e hora marcadas.

Dessa forma, a narrativa decorrente da entrevista não se apresentou isoladamente, mas inserida num contexto, cujas informações ou relatos não se limitaram a descrever o que foi dito, mas se aprofundaram nas construções intersubjetivas decorrentes das interações estruturadas a partir das questões de pesquisa e das respostas que não são neutras, resultantes do ser em si, tanto dos professores participantes como da pesquisadora.

## Referências

- BAUMAN, Z. **Ensaio sobre o conceito de cultura**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2012.
- BICUDO, M. A. V. Aspectos da pesquisa qualitativa efetuada em uma abordagem fenomenológica. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **Pesquisa qualitativa segundo uma visão fenomenológica**. 1. ed. São Paulo: Editora Cortez, 2011. p. 29-40.
- CAPRA, F. **O ponto de mutação**. São Paulo: Ed. Melhoramentos, 1982. 445p.
- CONNELLY, F. M.; CLANDININ, D. J. Relatos de experiência e investigação narrativa. In: JOSSO, M. **Experiências de Vida e Formação**. São Paulo: Paulus, 2002.
- KAUFMANN, J. C. **A invenção de si: uma teoria da identidade**. Tradução Joana Chaves. Lisboa, PT: Instituto Piaget, 2004.
- LARROSA, J. *et al.* (Org.). **Déjame que te cuente: ensayos sobre narrativa y educación**. Barcelona: Laertes. 2011. p.15-59.
- LARROSA, J. **Linguagem e Educação depois de Babel**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.



ELIANA FREIRE DO NASCIMENTO – Faculdade Estácio/Terezina-PI

MARTINS, J.; BICUDO M. A. **A pesquisa qualitativa em psicologia: fundamentos e recursos básicos.** São Paulo: Moraes, 1989.

MATURANA, H. R.; VARELA, F. J. **A Árvore do Conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana.** São Paulo: Pala Athenas, 2014.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** 2. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2003.

PEIXOTO, A. J. (Org.). **Fenomenologia: diálogos possíveis.** Campinas: Editora Alínea; Goiânia: Editora da PUC de Goiás, 2011b.

PRYGOGINE, I. O nascimento do tempo. In: CARVALHO, E. de A.; ALMEIDA, M. da C. (Org.). **Ciência, razão e paixão.** 2. ed. rev e ampl. São Paulo: Livraria da Física, 1988. p. 15-25.

SANTOS, Luciano. **O sujeito encarnado: a sensibilidade como paradigma ético em Emmanuel Levinas.** Ijuí.: Ed. UNIJUÍ, 2009.

SCHÜTZE, F. Análise sociológica e linguística de narrativas. **Revista Eletrônica Civitas**, v. 14, n. 2, p. 11-52. 2014. Disponível em: <[revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/civitas/article/viewFile/17117/11469](http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/civitas/article/viewFile/17117/11469)>. Acesso em: 30 nov. 2016.

SCHÜTZE, F. Pesquisa biográfica e entrevista narrativa. In: WELLER, W.; PFAFF, N. **Metodologias da pesquisa qualitativa em educação: teoria e prática.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. p. 210-222.

SOUZA, E. C. **O conhecimento de si: estágio e narrativa de formação de professores.** Rio de Janeiro: DP&A; Salvador, BA: Uneb, 2006.

Recebido em agosto de 2017

Aprovado em março de 2018